

# Migrantes absorvem 60% de atendimento na Saúde DF

KÁTIA MARSICANO

Cerca de um milhão 700 mil pessoas foram atendidas este ano, entre janeiro e julho, nos hospitais públicos do Distrito Federal. Mais de 60% vêm de outras cidades, estados e regiões tão distantes que transformam os custos de transporte em despesas incompatíveis com o tratamento. Os leitos estão sempre ocupados pelos imigrantes da saúde e as vagas insuficientes para a demanda crescente.

Para evitar um colapso definitivo do sistema hospitalar, médicos das regionais mais atingidas pelo problema começaram a se mobilizar numa verdadeira cruzada em defesa da qualidade. A Secretaria de Saúde se dispõe a participar das discussões em busca de uma solução. A Regional de Sobradinho, que hoje absorve pacientes não só do entorno, mas de vários estados brasileiros, acaba de dar a largada e esta semana leva à Subsecretaria do Entorno alternativas, resultado de dois dias de discussão.

A iniciativa, segundo o diretor da regional, Avelino Neta Ramos, reflete a preocupação com o excesso de atendimentos não só no hospital como em todos os centros de saúde da satélite. A média do excedente hoje chega a 10 mil consultas. O ideal seria 30 mil desde o início do ano, com base na atual população de Sobradinho estimada em 94 mil habitantes. Entre 1991 e 1994, a quantidade de serviços ambulatoriais variou 70%, as cirurgias aumentaram 89%.

O secretário de Saúde, Paulo Kalume, que participou do primeiro dia dos debates, garantiu que uma das soluções mais viáveis é a parceria entre Goiás e o DF, como já existe em algumas localidades, a exemplo de Luziânia, Santo Antônio do Descoberto, Padre Bernardo, Planaltina de Goiás e Valparaíso II. Desde 1991 os convênios estão sendo feitos, logo que foi identificado o agravamento do problema.

**Radicalizar** — De acordo com o relatório que segue para a Subsecretaria do Entorno e Secretaria de Saúde do DF, a Regional sugere a definição de porcentagens sobre o número de vagas destinadas a pacientes de fora, além da obrigatoriedade da medicação no local de origem do paciente, evitando que ele venha em busca de novas consultas. “Exigir o uso da verdade também é fundamental. As pessoas mentem o endereço para ter o direi-



As prefeituras do Entorno preferem encaminhar os doentes idosos para os hospitais em Brasília



Em Valparaíso, o estado de Goiás construiu o posto que é mantido pela Saúde do DF

to ao atendimento”, comenta Avelino.

Convênios com o Hospital Universitário para deslocar residentes para regiões do Entorno, reorganização do reembolso das Autorizações de Internação Hospitalar (AIH) e Unidades de Consultas Ambulatoriais (UCA) e moralização do transporte de pacientes

são alguns dos itens do relatório. Outro aspecto básico na opinião dos profissionais que elaboraram o documento é a integração entre os serviços de assistência social, que evitará o abandono de muitos doentes que chegam ao DF sem condições de sustento, permanecendo longos períodos internados.

Uma unanimidade durante os

dois dias de discussão foi o aspecto que diz respeito à responsabilidade do Distrito Federal, sobre os doentes de fora. “É fundamental que as prefeituras e governos entendam que não há condições de arcar com tantos gastos”, comentou a chefe do Núcleo de Saúde da Comunidade de Sobradinho, Rosa Nancy Runzer Sallenave.

## Sobrecarga provoca a marginalização

Mais de 60% dos leitos do Hospital de Base, hoje, estão ocupados por pacientes de fora de Brasília. Segundo a chefia do pronto-socorro — porta de entrada de mineiros, goianos, baianos, piauienses, etc — os “importados” sobrecarregam o atendimento e acabam marginalizando o brasileiro que, por direito, deveria ter assistência prioritária. “As prefeituras parecem investir mais em ambulâncias para transporte de doentes do que em hospitais”, comenta o médico Celso Rodrigues, chefe da Emergência.

Entre as campeãs em exportação de patologias, Barreiras e Ibiturama (BA) destacam-se na liderança, seguidas por Posse (GO), Unai (MG), Paracatu (MG), Monte Alegre (MG) e Fomosa (GO). “Barreiras manda casos simples demais para Brasília, como fraturas em idosos, plenamente exequíveis lá”, cita Rodrigues. A média diária de atendimentos no HBDF chega a 800 casos — 62% são estrangeiros.

De janeiro a agosto, o Hospital de Base recebeu 231 mil 034 pacientes, das quais 111 mil 880 só no pronto-socorro. A prevalência de pessoas fora de área se repete também no Hospital Regional do Gama, um dos recordistas em atendimentos e responsável por 210 mil 623 consultas de urgência — 70% delas de pessoas de cidades do Entorno.

A mesma situação se repete em Sobradinho (164 mil 191), Taguatinga (265 mil 224), Ceilândia (209 mil 650) e Planaltina (135 mil 877), em proporções semelhantes de doentes não-residentes na capital.

“Sensibilizar as pessoas, prefeituras e governos já não resolve. É preciso uma solução imediata, que impeça um colapso na rede hospitalar pública do DF”, ressalta o chefe do pronto-socorro do HBDF. Segundo recomenda a Organização Mundial de Saúde, para uma população estimada em 2 milhões de habitantes, deveriam ser atendidas 100 emergências/dia. Em Brasília, o total chega a 12 mil/dia em toda a rede, uma média de 300 a 350 mil/mês. (K.M.).